

**ANÁFORAS NOMINAIS:
UM PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO N'ORTO DO ESPOSO
(FINS DO SÉCULO XIV E COMEÇO DO XV)**

Maria Regina Pante (UEM)

mrpante@uem.br

Adelli Bortolon Bazza (UEM)

INTRODUÇÃO

Dentre os muitos processos que a referenciação abrange, trataremos particularmente das anáforas e, entre essas, destacaremos as anáforas nominais. O *corpus* tomado para análise é a obra *Orto do Esposo*, texto religioso pertencente ao final do século XIV e começo do XV. Visto que o *corpus* escolhido é um livro de doutrina católica, teceremos algumas considerações acerca desse tipo de discurso e, em seguida, apresentaremos alguns aspectos da teoria sobre referenciação, explicitando o conceito sociointeracional de referenciação, e as variadas formas de manifestação da referenciação em língua portuguesa, com aprofundamento maior na questão da anáfora e dos tipos de anáfora.

O DISCURSO RELIGIOSO

O *corpus* em análise neste trabalho são os três primeiros livros da obra de cunho religioso, *Orto do Esposo*. A versão utilizada foi a impressa, mas também está disponível *online*, no site CIPM – *Corpus Informaticizado do português medieval* (<http://cipm.fcsh.unl.pt/login.jsp>).

Orlandi (1987) volta-se para a questão dos tipos de texto e os analisa de forma a estabelecer uma tipologia para eles. A autora elegeu como fatores para classificar os tipos de textos: a) a interação, ou seja, a reversibilidade, a possibilidade de troca de papéis entre os interlocutores e b) a relação entre polissemia e paráfrase, isto é, a possibilidade de múltiplos sentidos.

A partir dessas observações, ela estabeleceu três tipos discursivos: o **lúdico**, o **polêmico** e o **autoritário**. O lúdico é aquele no qual, aparentemente, a intenção é um jogo de palavras, quase neutro; o polêmico trava uma tensão equilibrada entre os locutores, havendo a possibilidade de reversibilidade, de polissemia e de paráfrase; e o autoritário tende à monosssemia, à paráfrase e contém a reversibilidade.

O discurso religioso enquadra-se em um dos tipos de discurso autoritário e essa classificação se justifica por três fatores básicos, segundo Oliveira (*on line*): a *anulação da reversibilidade*, a *assimetria* e a *não-autonomia*.

De acordo com Oliveira (*on line*), a *anulação da reversibilidade* é verificada “pela impossibilidade de interlocução, de dialogismo entre locutor e ouvinte(s)”. A linguagem religiosa está revestida de um sentido e da autoridade daquele que representa Deus, que fala em seu lugar, e, como eleito para falar em nome de Deus, exorta os fiéis, sem lhes dar a possibilidade de troca, de inversão de papéis: quem fala ao povo é quem tem esse direito, cabe-lhe falar e cabe ao povo ouvir.

A *assimetria*: no discurso religioso, ocorre um desnivelamento entre o locutor e os ouvintes, conferindo ao locutor um lugar privilegiado, pois, nesse jogo discursivo, assume a posição de representante de Deus. Segundo Wilson (*on line*),

No discurso religioso, o poder divino é sustentado, desde seu início e origem, pela desigualdade de papéis e de lugares, sustentada pela fé e reiterada por diversas assimetrias dicotômicas como céu/inferno, bom/mau, bem/mal, agora/na vida eterna entre outras.

A *não-autonomia*: o locutor que fala é o representante de Deus, ele transmite aos ouvintes o conhecimento da palavra de Deus e, conseqüentemente, os conduz à salvação, mas não tem autoridade para modificar ou alterar a mensagem a ser veiculada.

O texto em análise é um texto característico do discurso religioso: é um livro de doutrina, no qual o autor/pregador se coloca na condição de representante de Deus e investido do poder de admoestar seus leitores, relatando histórias (normalmente de santos) e doutrinas (a religiosa – católica).

REFERENCIAÇÃO

A questão sobre como a língua refere o mundo tem sido colocada há bastante tempo e por diversas teorias. De maneira geral, contudo, as diferentes descrições ou explicações estão pautadas em uma visão da língua como representação direta do mundo.

Entretanto as ciências cognitivas reatualizaram essa questão, considerando que as entidades representadas nos textos não correspondem diretamente a objetos, mas constituem objetos de discurso. Isso implica

admitir que a língua não é uma espécie de etiqueta que se cola e com a qual se reproduz um objeto do mundo. É uma busca para compreender entender “como as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas estruturam e dão um sentido ao mundo” (Mondada e Dubois, 2003, p. 20). Nessa perspectiva, fala-se em referência.

De acordo com Koch (2004, p. 57),

Nosso cérebro não opera como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ela reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. Essa elaboração se dá essencialmente no discurso. Também não postula uma reelaboração subjetiva individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua.

Conforme Blikstein (*apud* Koch, 2004), a construção do objeto depende do ponto de vista adotado por quem fala. Nesse sentido, atualiza-se a afirmação de Saussure, para quem não é o objeto que precede o ponto de vista, mas o ponto de vista que precede o objeto. Isso porque as relações sociocognitivas estabelecidas pelo sujeito é que determinam sua maneira de descrever uma entidade do mundo.

Um dos fatores que contribui para o questionamento dessa idéia da relação direta entre língua e mundo é a instabilidade da língua, focada na instabilidade entre as palavras e as coisas. Mondada e Dubois (2003, p. 22) ponderam que

As categorias usadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, sincronica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente.

Falar de referência dos objetos é tocar na questão das categorias, pois descrever é, de alguma maneira, categorizar. Entretanto, devido às diferentes categorizações, é possível questionar a noção tradicional de referência. Uma categoria está baseada na prototipicidade, elementos mais ou menos característicos de um grupo. Mas a percepção do indivíduo pode trazer para o centro da categoria um elemento não tão prototípico ou relegar à margem outro elemento muito prototípico. Mondada e Dubois (2003) apresentam o exemplo de pessoas que citam o morcego como ave por apreenderem principalmente sua capacidade de voar. Baseada em exemplos como esse, Koch (2004, p. 54) afirma que

A forma como percebemos e atuamos com os objetos é fundamental para a forma como somos capazes de desenvolver conceitos abstratos para eles. Estes conceitos são fruto direto da percepção e da ação motora e não um conjun-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

to de conhecimentos abstratos que teriam sido organizados da mesma forma por uma mente sem corpo.

Partindo dessa concepção de que a língua não apresenta uma relação direta com objetos do mundo e que estes são criados pelo discurso, a partir da maneira como o sujeito lhes apreende e categoriza, Koch (2004, p. 58) adota as postulações de Aphothélos e Richler-Berguelin acerca da referência. São elas:

- a) a referência diz respeito, sobretudo a operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;
- b) o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção;
- c) eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo sofridas “mundanamente” ou mesmo predicativamente por um referente não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical, sendo o inverso também verdadeiro.

A visão discursiva sobre a referenciação amplia os horizontes desse processo: no conceito tradicional sobre a referência, o limite para as ancoragens era o texto; mas, nessa nova perspectiva, o limite é a memória discursiva. Isso significa que as categorias se constituem a partir do acúmulo de informações sobre um mesmo assunto, a ponto de caracterizar a prototipicidade, esteja a ancoragem dentro ou além do texto.

Segundo a compreensão de Koch (2004, p. 59),

A interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico (“antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva.

De acordo com a autora (2004, p. 62), estão envolvidas algumas operações na constituição da memória discursiva:

- a) construção/ativação: o objeto é introduzido;
- b) reconstrução/ reativação: um nóculo já existente é reintroduzido por meio de uma forma referencial;
- c) desfocalização/desativação: um novo objeto é introduzido, ficando em foco e o objeto anterior sai do foco.

Interessam-nos particularmente as formas de reconstrução por sua intrínseca ligação com a progressão e a coesão do texto. Ainda segundo Koch (2004, p. 67), “A reconstrução é a operação responsável pela ma-

nutenção do foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas responsáveis pela progressão referencial do texto”.

A progressão indica o relacionamento dos elementos no texto, manifestado por formas nominais e pronominais. A autora (*apud* Teixeira, *on line*) ainda complementa que

Um texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva das partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre vários movimentos, um pra frente (projetivo) e outro pra trás (retrospectivo), responsáveis parcialmente pela catáfora e anáfora.

ELEMENTOS ANAFÓRICOS NO ORTO DO ESPOSO

A anáfora é um dos elementos de coesão do texto. Por meio dela, realizam-se as retomadas que contribuem para o engajamento e a progressão do texto. Teixeira (*on line*) considera que, *pelo procedimento anafórico, um SN evoca e especifica um referente e uma série de outros co-referem e co-especificam esse referente, instituindo-se assim a progressão/continuidade referencial.*

As anáforas podem ocorrer com base em dois grupos: *pronominais*, ou seja, o referente é um pronome ou *nominais*, quando o grupo referente tem como núcleo um nome. Normalmente, esses grupos são constituídos por um determinante (que pode ser um artigo definido, um indefinido possessivo ou um demonstrativo) e um nome.

A autora apresenta uma classificação dos tipos de anáforas nominais: anáforas *co-referenciais* e anáforas *não-co-referenciais*. O grupo das anáforas não-co-referenciais se subdivide em anáfora por *sinonímia*, por *hiponímia*, por *meronímia* e *anáfora resumitiva*. Abordaremos a definição de cada uma delas com exemplos extraídos do *corpus* escolhido.

Anáfora nominal co-referencial

Falar em co-referencialidade é novamente recorrer à visão ampliada de funcionamento que o conceito de referenciação carrega. Enquanto a visão tradicional considera que o referente deve estar explícito no texto, denotado por um termo anterior, a visão de co-referencialidade passou a

abarcam o processo que se constrói discursivamente, de maneira progressiva até a identificação de algo.

A anáfora co-referencial é também conhecida por anáfora fiel ou total. Isso se deve ao fato de que ela efetua a retomada de um referente por meio de um mesmo nome, efetuando apenas a troca do artigo indefinido pelo definido.

Em nosso *corpus*, identificamos uma grande quantidade de anáforas co-referenciais, das quais citaremos alguns exemplos:

Artigo definido + pronome demonstrativo

Aqui se começa **o liuro** que se chama Orto do Esposo...(primeira linha do livro)

E poren non te quise escreuer **liuro** sinpliz daquellas cousas que tu demandaste, mais trabalhei-me fazer **este liuro** das cousas conteudas ennas Escripturas Sanctas...

Artigo definido + pronome de tratamento

e achou tres donzellas estar chorando acerca dos rios que sayam daquel castello, porque **a senhora do castello** estaua tam emferma que era chegada aa morte. E disse-lhe aquel homen caminheyro: Ha esperança de uida em **uos-sa senhora**? E as donzellas responderon:

Artigo indefinido + pronome demonstrativo

Em [este] ha **h□a fonte** de que corren rios que [re]gam toda terra em redor, e [em al]g□□s tenpos **esta fonte** çara-se, [em] guisa que non corre algua della.

Quando o enperador Constantino veeo a h□a cidade que chaman Bisancio, ueeron **h□□s filosofos [...]** E **h□□ daquelles filosofos** tomou en sy todo aquel negocio*

Artigo indefinido + artigo definido

H□a sancta uirgem, que auia nome Dorothea, era leuada pera degolar pella fe de Jhesu Christo [...] E **a sancta uirgem** lhe respondeo:

Numeral + artigo definido

[...] logo apareceu ante [el]la h□□ menino que tragia en h□□ [p]ano de linho muy aluo tres maçãs muy nobres e **tres rosas** [m]uy fremosas [...] e o menino chegou ante elle con o pano do linho aluo, en que tragia aquellas maçãs maravilhosas e **as rossas** muy fremossas [...]

Numeral + pronome demonstrativo

[...] logo apareceu ante [el]la h□□ menino que tragia en h□□ [p]ano de linho muy aluo **tres maçãs** muy nobres e tres rosas [m]uy fremosas. [...] e o menino chegou ante elle con o pano do linho aluo, en que tragia **aquellas maçãs** maravilhosas [...]

Pronome possessivo + artigo definido

O emperador Diocleciano rogou a Sancto Ciriaco que desse saude a **h□a sua filha**, que era muy maltreya do diaboo, e Sancto Ciriaco entrou hu estaua **a filha** do enperador e disse*

Ausência de pronome + pronome demonstrativo

Sancto Ignacio mandauan deytar aos leões pella fe de Jhesu Christo (...) E **este Sancto Ignacio**...

Anáfora não-co-referencial por sinonímia

A ocorrência desse tipo de anáfora justifica-se pela necessidade de se usar termos diferenciados, evitando a repetição de palavras em um texto. De acordo com Teixeira, “empregar a *sinonímia* como recurso de coesão referencial em um texto implica utilizar um novo termo/expressão o qual é confederado por ser recuperado como sinônimo de um termo/expressão *velho no discurso*”.

Falar em sinonímia implica levar em conta o fato de que, atualmente, os estudos lingüísticos questionam a existência de um sinônimo perfeito. Considera-se que existem traços de semelhança entre os objetos considerados sinônimos e não que eles sejam necessariamente idênticos.

Além disso, no caso específico do nosso *corpus*, os sinônimos são construídos de maneira autoritária, própria ao discurso religioso, e se-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

gundo o ponto de vista da Igreja Católica. Isso faz que encontremos sinônimos que são aceitos mesmo fora da ótica religiosa como

E diz Seneca que non ha cousa mais danosa a aquel que quer aprender, que a uida do **ensinador** seer torpe, ca o uasso fedorento cõrompe a agua que esta en elle. E ben assy a doutrina he fecta uil per razon da uida maa daquelle que ensina, e poren todo **aquelle que quer ensinar** con proueyto daquelles que emsina...

e outros sinônimos em que fica marcado que o ponto de vista religioso-católico justifica o uso de determinados objetos como sinônimos. É o caso de

[...] e poren elle he guiador dos olhos do coraçom de qualquer que con temor e amor do Senhor Deus husa aficadamente ennas **Sanctas Escripturas**. E asy como pellas portas do ceo abertas ouuira o Senhor Deus, que fala con elle pella sua propria boca, porque, quando leemos pellas **escripturas de Deus**, entom fala Deus a nos [...]

Dous males fez o meu poboo, leixaron a fonte da agua uiua e cauaron cisternas derronbadas que non podem conteer auguas – **as sciencias dos filosofos**. Outrosy, **a sciencia sem uirtude...**

Encontramos 16 ocorrências de anáfora por sinonímia, de acordo com os seguintes pares de sinônimos:

- Sanctas Escripturas = escripturas de Deus
- Jesus Cristo = Senhor Jesus Cristo
- spiritus malignos = maaõ spiritũ
- h□a gota da sua suor = aquella goteyra
- ensinador = aquelle que quer ensinar
- daquel que ensina = o filosofo
- neh□as doutrinas = estas sciencias
- Vitctoria = galardom do seu vencimento
- outras sciencias = sciencias terreaes
- sciencia da filosofia = sciencias dos filosofos gentiis,
- papa de Roma = este sancto homem
- as sciencias dos filosofos = sciencia sem uirtude
- orto da Sancta Escriptura = o canpo da Sancta Scriptura
- E h□□ dos confessores leygos = aquele mancebo
- Salvador = Jesus.

Anáfora não-co-referencial por hiponímia

É aquela em que a relação entre anaforizante e anaforizado se baseia na relação hipônimo/hiperônimo. Essa questão remete ao pensamento sobre categorização e sobre prototipicidade, pois, segundo Cruse (*apud* Teixeira *on line*), *hiponímia é a relação lexical correspondente à inclusão de uma classe em outra.*

De acordo com Teixeira (*on line*), há um acarretamento unilateral, pois sempre o hiperônimo vai abranger o hipônimo. Dessa forma, *a relação de hiponímia torna-se uma relação transitiva, ou seja, os termos subordinados herdaram obrigatoriamente as características de todos os seus superordenados.*

A autora prevê a ocorrência de anáfora por hiponímia com o hiperônimo (termo englobante) retomando o hipônimo. Seguindo essa constatação, foram encontrados os seguintes exemplos:

Descendeo o meu amado enno seu orto pera pacer ennas ortas e colher **os lylios**. E bem parece seer uerdade que **estas flores** e as outras muytas que som achadas enna Sancta Scriptura, demostram e significam flores spirituaaes uirtuosas [...]

[...] o esquecimento he conpanheyro **da beuidice**, e diz Seneca que a beuedice he sandice que o homem ha per sua propria voontade. Onde todo homem que quer leer e entender as Sanctas Scripturas, deue-sse de quitar das **delectações do corpo**,

Outrossy, **os elifantes** som de bõo entendimento e ligeyros pera emsinar [...] E, pois que assy som as **animalias brutas** aprestes pera ensinar e pera receber o ensino, grande uergonça he aos hom[ens] non o ffazerem asy.

E diz Sam Jheronimo que os filosofos antigos emsinauan os seus discipulos em bõos costumes, onde diz **Sancto Agostinho e Seneca** que Socrates filosofo primeyramente emclinou toda a filosofia pera corregger e conpoer os bõos costumes. E poren, per exenplo **destes filosofos**

[...]ca ellas emsinan **tenperança e prudencia de sabedoria e justiça e uerdade**. E non ha cousa mais proueytosa aos hom[ens] que **estas uirtudes**,

Entretanto, mesmo não estando previstas pela autora, ocorreram algumas anáforas em que primeiro se expressa o hiperônimo e, posteriormente, retoma-se uma parte de sua significação ao especificar-se o hipônimo. Eis as ocorrências:

As **aues** do ceo cantaron. E diz Salamon ennos Cantares do Amor: A uoz da **turtur** he ouuyda enna nossa terra.

E poren diz Casiodoro que a Sancta Scriptura he bem comparada e semelhante ao orto, porque geera muytos **fruytos**, ca enna Sancta Scriptura acha o

DEPARTAMENTO DE LETRAS

homen as **h**as da spiritual alegria e os **figos** da dulçura perdurauil e as **spigas** da madureza das boas obras e as **nozes** da paciencia.

Flores apareceron enna nossa terra. E em este orto da Sancta Escripura colhe o homen a **rrosa de martyro e payxom**, **lilyo de castidade** e a **flor da uiola da humildade**, **açafram de caridade**.

Anáfora não-co-referencial por meronímia ou anáfora associativa

Enquanto a anáfora por hiponímia estabelece uma transitividade, a anáfora por meronímia não apresenta essa característica; os termos são relacionados uns aos outros, não por uma relação direta, mas associativa. Segundo Teixeira (*on line*), essas relações podem ser expressas de várias maneiras:

- 1) **grupo x membros**: O corpo docente ainda está em reunião. A professora Isabel foi a única a ser liberada.
- 2) **objeto x substância**: O sorvete não ficou bom. A essência de morango tem gosto estranho.
- 3) **todo x porção**: Quero vender a mesa da minha sala. O único problema é que a madeira está um pouco marcada.
- 4) **lugar x localidade**: Você vai adorar Porto Alegre. Vale a pena visitar a Usina do Gasômetro.

No *Orto do Esposo*, encontramos considerável número de ocorrências de **anáforas por meronímia**, das quais apresentamos algumas:

Todo x porção

A entrada deste parayso, depois do peccado de Adam, sempre foy çarrada e uedada a toda a geeraçon humanal, ca he todo cercado en rredor de **muro de fogo**, em tal guisa que **aquel fogo** se junta pouco meos com o ceo. E noso Senhor ordinou sobre este muro defensom de angios bôos pera nom leyxar hy chegar os maaos spiritus, por tal que **a chama do fogo** defenda a entrada aos homens

Lugar x localidade

Hea uez Sancto Antonio con outros frades veo a **h**a **cidade** que chamam Forliuio. E, estando **enno mosteiro** aa hora que se auia de fazer a preegaçon, disse o mynistro aos frades [...]

Grupo x membro

H□□ filósofo, que auia nome Permenides, que morou per quinze annos en h□a penna do Egipto pera poder milhor uaguar aa contemplaçom da filosofia. E outro filósofo, que ouue nome Temiscloides, acabados cento e sete annos en que perseueraua enna sciencia, u□□do-se chegado a morte, disse que se doya muyto porque leixaua esta uida quando começaua de saber. E **Socrates** per nou□□ta e noue annos non quedou de ensynar e escrepuer sciencia con door e con trabalho.

Anáfora nominal resumitiva ou encapsulamento

Esse tipo de anáfora condensa mais que um grupo nominal ou uma frase; pode retomar um parágrafo ou mesmo uma extensão maior de um texto. Teixeira (*on line*) destaca que *esse tipo de anáfora toma frequentemente a nominalização*, tendo como centro um nome formado a partir de um verbo: *Nossa gata foi atropelada. Esse acidente deixou-lhe os traços*.

As **anáforas resumitivas** também são encontradas várias vezes no corpus. Eis algumas:

E ella, quando ueo ao lugar onde auia de seer degolada, fez oraçom a Deus, e, acabada a oraçom a Deus, logo apareceu ante [el]la h□□ menino que tragia en h□□ [p]ano de linho muy aluo tres maçãs muy nobres e tres rosas [m]uy fremosas. E dise-lhe a sancta uirgem: Rogo-te que leues esto a The- o[fi]llo e di-lhe: Ex aquello que pidiste a [D]orothea que te emviasse do paray- so do seu esposo. E a sancta uirgem foy degolada e acabou seu **marteyro**.

E a sancta molher, depois que foy certa daquelle prometymento, foy muy alegre e muy aguçosa enno seruiço de Deus e, acabados os cem dias, foy pera Jhesu Christo receber gualardom do seu vencimento. E esta **uitorya** pode muy bem apprehender hom□□ enna Sancta Scriptura con a graça de Deus.

E elle mandou-me açoutar, e antre os açoutes que me dauon hi, mais me atormentaua a minha consciencia, cuydando en meu coraçom h□□ uerso do psalmista que diz: Senhor Deus, quen confessara a ty emno jnferno? E comecey de braadar e huyuar, dizendo: Senhor, amercea-te de myn! E esta **palaure** dizia eu antre os açoutes que me dauam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos o conceito sociointeracional de referenciação e de anáfora, percebemos que esses são processos bem mais amplos e complexos do que o senso comum costuma apresentar. Mais que substituir

DEPARTAMENTO DE LETRAS

termos repetidos ou fazer um termo remeter a outro, a anáfora é um importantíssimo elemento para a coesão e a progressão textuais.

A análise da anáfora, segundo uma perspectiva recente e atual, aplicada a um texto da fase arcaica da língua portuguesa, demonstrou o quanto esse processo está presente e é produtivo em Língua Portuguesa desde épocas mais remotas.

Além disso, a natureza do texto: religioso e, portanto, autoritário, ficou evidente, principalmente na valoração dos objetos, claramente observável nas anáforas por sinonímia. Isso nos leva a crer que, além de contribuir na instauração e na reconstrução dos objetos de discurso no texto (Koch, 2003), esse recurso lingüístico evidencia questões discursivas do texto em que está inserido.

REFERÊNCIAS

KOCH, I. G. V. Referenciação. In —. *Introdução à lingüística textual*. S. Paulo: Martins Fontes, 2004.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES B. B.; CIULLA A. (orgs.) *Referenciação*. S. Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, M. R. de. CEZÁRIO, M. M. e ALBANI, F. V. L. *Articulação Adverbial no discurso religioso*. Disponível em www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0502/03.htm. Último acesso em 20/11/06.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.

ORTO DO ESPOSO. Texto inédito do século XIV e começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário por MALER, B. Rio de Janeiro: INL: 1956.

TEIXEIRA, M. *Coesão Referencial*. Disponível em www.comuninca.unisinos.br/professores/marlene/arquivos/referenciação_2004_1.pdf. Acesso em 27/11/06.

WILSON, V. *Modos de ler o discurso Religioso*. Disponível em www.filologia.org.br/soletras/5e6/11.htm. Acesso em 28/11/06.